


ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA EDUCAÇÃO SEXUAL


THE PEDAGOGUE ACTION'S IN SEX EDUCATION

Artigo Original

Camila Eduarda Leoterio Silva ¹

 <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

Elienay Carlos da Silva ²

 <https://orcid.org/0000-0003-2874-2375>

Roberta Soares da Silva ³

 <https://orcid.org/0000-0002-2504-5657>

Marta Cristina Freitas da Silva ⁴

 <https://orcid.org/0000-00001-9996-7964>

RESUMO

O pedagogo é essencial na formação dos estudantes tornando-se relevante na abordagem da educação sexual. A presente leitura tem por objetivo refletir a importância do estudo sobre educação sexual no ambiente escolar. A pesquisa dos dados neste estudo é realizada por meio da análise de conteúdo que parte de um conjunto de técnicas de observação após a aplicação do questionário, numa perspectiva analítico descritiva e também pelo levantamento em artigos disponíveis em sites e livros que discutem cientificamente sobre o tema proposto com a finalidade de provocar a reflexão e discussão para possíveis modificações no trato da educação sexual na rede municipal em Jaboatão dos Guararapes. Os resultados da pesquisa expressam que as entrevistadas têm uma percepção limitada sobre orientação sexual, porém não desenvolvem o tema com uma abordagem educativa. Houve uma expressão unânime de preocupação e proteção às violências sexuais apontadas pela falta de orientação sexual e os impactos pela ausência desse diálogo. Conclui-se que, apesar dos vários posicionamentos sociais contrários à prática da educação sexual nas escolas, faz-se necessário a criação de uma base sólida para tratar a educação sexual dentro do processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Sexual. Família. Pedagogo.

Abstract

The educator is an important actor on student's formation, contributing to approach sex education in their lives. The goal of this study is to reflect on how important is sex education in schools. The research of data in this study was made between a content analysis, from techniques of observation after application of a questionnaire, in a descriptive analytical perspective and also by a collection of available articles on websites and books which discuss scientifically about the proposed subject. It is conducted in order to encourage a reflection and debate focusing on possible changes in the way sex education is dealt inside the Jaboatão dos Guararapes municipal schools. The results showed that the people interviewed have a limited perception about sexual orientation, however they don't develop the subject in a educational approach. Also, there was a unanimous expression of concern and protection against sexual violence, due to the consequences of a lack of dialogue about sexual orientation. The conclusion is that, despite many social positions which disagree about sex education, it's really necessary to create a solid basis about it in the teaching/learning process.

Keywords: Sex Education. Family. Educator.



Copyright (c) 2024 Essentia - Revista de Cultura, Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú
This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

¹Pedagoga. Universidade estadual Vale do Acaraú. Sobral. Ceará. Brasil.

²Pedagoga. Universidade estadual Vale do Acaraú. Sobral. Ceará. Brasil.

³Pedagoga. Universidade estadual Vale do Acaraú. Sobral. Ceará. Brasil.

⁴Doutora em Biologia. Pós doutorado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Docente da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Sobral. Ceará. Brasil.

INTRODUÇÃO

A sexualidade está ligada de forma intrínseca ao desenvolvimento humano em todas as esferas da sua vida: familiar, comunitária, credo entre outros. Desde o nascimento para além da educação no ambiente escolar, visto que a evolução faz parte da natureza do homem. Ela tem várias formas de expressão por estar ligada ao desenvolvimento do indivíduo.

O puerpério é um período complicado para as mães, visto que elas passam por mudanças significativas em seu corpo, afetando a sua saúde emocional além dos aspectos físicos. O estudo realizado por Salomonsson (2011), seguindo a linha teórica de Freud, ressalta que a mãe transmite ao bebê reflexos de sua própria sexualidade, isto é, a criança reflete, mesmo sem compreender, as emoções passadas pela genitora, e esta lida com suas próprias frustrações e/ou satisfações.

No caso, achei indispensável o ponto de vista de Jean Laplanche sobre a "situação antropológica fundamental". Ele nega que a sexualidade infantil seja inata. Ao contrário, ela é transferida ao bebê pela mãe via suas "mensagens enigmáticas." Essa comunicação inunda o bebê com impactos que ele não consegue apreender, exatamente devido à sua imaturidade sexual. Laplanche assim solda a teoria pulsional de Freud com uma teoria da interação que abre espaço para comprimentos de onda tanto inconscientes quanto observáveis (SALOMONSSON, 2011, p.2).

A partir dessa compreensão, pode-se destacar que a sexualidade tem reflexos que contribuem significativamente na formação da criança desde a sua concepção, ainda que não seja compreendida, e esses reflexos desembocam na infância, seguindo pela adolescência e dificuldades de expressividade até mesmo na fase adulta.

Historicamente falando, os primeiros rumores dessa educação se iniciaram por volta da década de 1920 devido aos problemas que surgiram na sociedade: gravidez na adolescência e aparecimento das doenças venéreas sobre as quais os índices tiveram significativo aumento. Sua continuidade deu-se devido à repressão sexual imposta às mulheres, contudo aos homens se configurou de maneira diferente visto que para eles há uma compreensão naturalizada sobre a sexualidade, mesmo que não seja tratado em sala de aula. Posteriormente, em 1960, há registros da sistematização do tema em algumas escolas no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e em São Paulo.

Mais adiante, a educação sexual foi reprimida novamente devido ao regime militar instaurado no país, pois o poder público moldou-se sob a crença de que o tema era de responsabilidade exclusiva da família, não devendo ser tratado no ambiente escolar. Contudo, a temática retorna às escolas em 1992 através de uma portaria de lei e mais adiante com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1997 novamente sob uma perspectiva que vão além do aumento das Infecções Sexualmente Transmissíveis e conscientização para o uso de métodos contraceptivos.

Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Isso se dá num processo social que passa pelos interesses dos agrupamentos socialmente organizados e das classes sociais, que é

mediado pela ciência, pela religião e pela mídia, e sua resultante é expressa tanto pelo imaginário coletivo quanto pelas políticas públicas, coordenadas pelo Estado. A proposta de Orientação Sexual procura considerar todas as dimensões da sexualidade: a biológica, a psíquica e a sociocultural, além de suas implicações políticas (BRASIL, 1997, p.295).

Todavia, embora tenha sido regulamentado para estar integrado na educação escolar, a educação sexual adquiriu um caráter exclusivamente biológico e preventivo às doenças sexualmente transmissíveis, o que implica dizer que a temática se desenvolvia “plenamente” nas aulas de ciências. Mas a compreensão de que essa abordagem era suficiente não durou muito tempo, pois estudiosos logo tiveram o entendimento de que seria necessária uma abordagem mais ampla:

Partimos, portanto, do princípio que a educação sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa; e instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 77).

Maia e Ribeiro trazem a compreensão de que é através da estruturação da educação sexual no ambiente escolar que a temática avançará para além da superficialidade com a qual é trabalhada. Esse trabalho realizado de forma estruturada gera discussão, provoca reflexão sobre o assunto e desenvolve o respeito a si mesmo e ao outro em sua diversidade. Acredita-se que trabalhar esse tema na escola implicará no incentivo ao ato sexual, e este tabu gera restrição na abordagem limitando a atuação do pedagogo.

Diante de todas as mudanças na sociedade, o pedagogo, que atua como condutor do processo de ensino aprendizagem, se depara nesse conflito com fatos e regulamentações. E consoante a esses conflitos impostos ao educador, voltados especificamente ao seu desenvolvimento de trabalho, há divergências advindas do seio familiar e suas próprias convicções nas diferentes culturas e religiosidades as quais estão inseridas as crianças.

Sendo o pedagogo parte fundamental desse processo, ele precisa estar apto para desenvolver a temática, por meio de formações específicas, acadêmicas, continuadas, especializadas, entre outras. Sua atuação deve se dar de modo impessoal a partir do olhar pedagógico, sem intervenções e opiniões pessoais, a fim de conduzir o educando a refletir sobre o conteúdo proposto visto que, a temática é riquíssima e sua reflexão produz respostas significativas no desenvolvimento da criticidade dos educandos, para além do escolar, conforme ressalta (MAIO e OLIVEIRA 2012).

Embora a inclusão das temáticas transversais esteja regulamentada pelos Parâmetros Curriculares, há mais de 20 anos, o preparo do pedagogo no tocante à efetivação dessas temáticas em sala de aula permanece um desafio por muitas razões, entre elas: a falta de preparo das próprias instituições em abordar tais temas, as convicções trazidas do ambiente familiar, e principalmente o peso que a educação tradicional ainda exerce sobre a sociedade.

Para que a escola entre em um processo inovador é necessário que ela considere a sua realidade, as problemáticas que emergem dela e o contexto social no qual está inserida, além dos sujeitos envolvidos nesse sistema escolar e as relações que eles estabelecem entre si. (MIRANDA; SANTOS; OLIVEIRA, 2018, p.1).

Pode-se observar que conforme aludido acima, para se trabalhar sexualidade na escola de maneira eficaz é preciso reconhecer que algumas tendências pedagógicas que marcaram vigorosamente o ensino e educação por anos ainda são atuantes, e existe uma dificuldade em se avançar para essas novas tendências que centralizam o educando no processo de ensino aprendizagem, pois elas exigem um esforço maior dos educadores e de toda estrutura da educação. Esse modo de educação tradicionalista tem muita força porque é o reflexo de como a própria sociedade se configura, isso implica dizer que as próprias pessoas reproduzem uma conduta que delimita o trato desse tema na escola, no convívio familiar e na coletividade.

Somente a partir do autoentendimento do educador sobre o seu papel formativo e a reflexão sobre a responsabilidade que se encontra em suas mãos, responsabilidade que vai além dos conteúdos programáticos escritos no papel seja por regulamentação legal ou o projeto pedagógico escolar, será possível transcorrer sobre a temática educação sexual de forma proveitosa. É fundamental que o educador compreenda a conduta do educando como reflexo de expressão da sua sexualidade e trabalhe em cima dela.

Pois a falta de preparo dos pedagogos sobre a educação sexual limita sua abordagem ao mínimo, ou seja, restringe-a ao aspecto biológico e preventivo, e acaba diminuindo as diversas abordagens nas quais poderia se explorar e trabalhar o processo de ensino e aprendizagem. O olhar sensível às necessidades da infância onde quer que ela esteja inserida é essencial para o desenvolvimento da criticidade nas crianças, trazendo a ela a orientação ao protagonismo de sua própria história.

Apesar de ser um dispositivo fundamental aos processos de subjetivação, principalmente quando se tem clareza da relevância desta dimensão do humano na construção histórica do sujeito e na formação da parte mais profunda de si, comumente, a sexualidade da criança recebe pouca importância do educador. Isto acontece quando se desconhece que a sexualidade envolve as histórias de vida e seus segredos, as emoções e sentimentos, expressos e experimentados por pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades práticas, papéis e relacionamentos (SCHINDHELM, 2011, p.40).

A falta de compreensão do docente sobre a amplitude do seu papel formador limita a sua atuação sobre o conhecimento que deveria ser construído no ambiente escolar, isto é, muitos educadores limitam seu trabalho às matérias compreendidas como "mais importantes", como linguagens, ciências exatas, entre outras. Contudo, a educação sexual, pauta desta discussão, abarca fatores significativos na vida de todos, não deveria essa ser uma temática prioritária a ser abordada no processo de aprendizagem uma vez que seu desfecho se entrelaça a sentimentos, segredos, pensamentos, valores, atitudes e crenças? Certamente. Entretanto, os entraves gerados em torno desse tema restringem sua abordagem a uma versão meramente preventiva e biológica para adolescentes, enquanto as crianças têm essa necessidade ignorada.

Embora a temática seja discutida nos espaços de formação, graduações e especializações, o número de educadores que se sentem aptos a falar com propriedade sobre educação sexual nas escolas é muito baixo. Existe a necessidade de uma formação específica para que os próprios educadores desenvolvam um olhar preciso sobre sexualidade na escola para que haja o rompimento de tabus do próprio docente e assim haja o desenvolvimento do respeito às diversidades.

Assim como tornou-se conhecido que a educação sexual está integrada ao desenvolvimento de todo indivíduo, a formação e expressividade sexual dos pais/responsáveis está entrelaçada nesse processo, visto que a criança absorve as expressões dos pais e as reproduz. Por isso é importante que haja o desenvolvimento do tema em conjunto com esses, e foi sob essa perspectiva que o Estado integrou a abordagem transversal desse tema nos PCNs.

O trabalho de Orientação Sexual compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a Orientação Sexual incluída na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores do trabalho. No diálogo entre a escola e as famílias, pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e, ao ser objeto de discussão na escola, possibilite a troca de idéias entre esta e as famílias. O apoio dos pais aos trabalhos desenvolvidos com os alunos é um aliado importante para o êxito da Orientação Sexual na escola (BRASIL,1997, p.304).

O Ministério da Educação, MEC, elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais orientando como deve ser a sua abordagem devida. Bem como o conceito de interdisciplinaridade, os PCN's sugerem a aplicação da temática de forma integrada aos conteúdos programáticos, isto é, com uma tática mais naturalizada.

Para isso, optou-se por integrar a Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, através da transversalidade, o que significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, o posicionamento proposto pelo tema Orientação Sexual, assim como acontece com todos os Temas Transversais, estará impregnando toda a prática educativa. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio de sua própria proposta de trabalho. Ao se apresentarem os conteúdos de Orientação Sexual, serão explicitadas as articulações mais evidentes de cada bloco de conteúdo com as diversas áreas (BRASIL,1997, p.307).

Mesmo sendo proposta há décadas, a pesquisa realizada na rede pública deixou claro que os temas sugeridos pelos Parâmetros não acontecem como deveriam, ao contrário, apenas no ensino do sistema reprodutor, das doenças sexualmente transmissíveis e campanhas vagas realizadas por Unidades Básicas de Saúde de acordo com calendário de campanha municipal.

Existem muitos entraves que justificam o porquê desses temas raramente saírem do papel no que se refere a educação pública, tais como, a falta de estruturação para a prestação básica do serviço, o superlotação das unidades de ensino, a falta de formações específicas para os professores, a falta de incentivos ao corpo docente sobre essa abordagem, entre outros. As problemáticas advindas por não se trabalhar esse tema são cada vez mais crescentes por conta da

veiculação midiática que quanto mais consumida por todos e iniciada mais precocemente bombardeia, muitas vezes, crianças e jovens com estímulos sexuais que não são tratados no seio familiar, escolar, comunitário, entre outros:

A sexualidade é modelo permanente nos media. Quer se queira ou não esse modelo acaba por naturalizar condutas e influenciar crianças e jovens pelo que, a sua contraposição, requer do/a professor/a uma leitura atenta e crítica que contribua para a consciencialização da pertinência da sua desconstrução (TEIXEIRA, 2015, p.6).

As tecnologias exercem forte poder de influência sobre o desenvolvimento da sexualidade por meio dos conteúdos que veicula. A ausência de acompanhamento dos responsáveis sobre o consumo dessas informações impactam de maneira prejudicial a posteridade da criança. O consumo inadequado de conteúdos sexuais sem uma preparação apropriada resulta em inúmeras situações de violências e desrespeito consigo e com o outro. Situações que poderiam ser evitadas através da conscientização correta de uma educação sexual voltada a objetivos que vão muito além de campanhas preventivas ou prazer sexual em si, desmistificando os tabus que rodeiam essa temática.

Este trabalho tem como problemática refletir como as questões estruturais, culturais, sociais e familiares interferem na atuação dos pedagogos sobre a condução da educação sexual na rede pública.

Acredita-se, através de todo apontamento aludido no presente artigo, que somente a partir da compreensão do que é a sexualidade, seus reflexos e impactos, individuais e/ou coletivos, se poderá conduzir de maneira eficaz a construção de uma educação sexual que compreenda as necessidades que o indivíduo tem bem como a coletividade. E nessa mesma perspectiva, encontram-se outras deficiências que inviabilizam essa construção: as fragilidades do pedagogo, o tabu social, a desinformação sobre o assunto são barreiras que precisam ser enfrentadas a fim alcançar uma construção exitosa sobre essa educação.

A questão sexual é bastante relevante, pois traz consigo um amplo campo de indagações a serem analisadas, embora haja muitos debates, há culturalmente uma barreira de cunho familiar e religiosa imposta. Mesmo estando incluída na grade curricular há décadas, não possui relevância efetiva no ensino. É muito importante o pedagogo se encontrar apto a tratar de sexualidade no ambiente escolar pois possui caráter formativo, contribuindo para a construção de indivíduos mais conscientes em relação à diversidade de concepções, à diversidade sexual e expressividade.

Objetiva-se então refletir a importância do estudo sobre educação sexual no ambiente escolar; compreender o processo histórico da temática até os dias atuais a fim de desenvolver uma estruturação necessária para o desenvolvimento do tema; considerar as dificuldades do pedagogo para trazer uma proposta inovadora sobre sexualidade; retratar a relevância da inclusão da família na condução do assunto em questão, inclusive no acesso às mídias sociais.

Presume-se que para a educação, não se pode separar o indivíduo de sua sexualidade da mesma forma como não há desenvolvimento pleno do educando, que é uma das finalidades estabelecidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), LDB, visto que a educação é um processo de constante construção individual e coletiva, sendo imprescindível ter em sua abrangência a sexualidade visto que a formação do sujeito é completa, isto é, deve considerar todas as suas capacidades.

MATERIAL E MÉTODO

O presente trabalho originou-se a partir de levantamento em artigos disponíveis em sites e livros que discutem cientificamente sobre o tema proposto com a finalidade de provocar a reflexão e discussão para possíveis modificações no trato da educação sexual na rede municipal em Jaboatão dos Guararapes.

Contudo, para que seja realizada uma boa revisão bibliográfica o pesquisador poderá buscar atalhos para que ele analise, discuta sobre as dificuldades encontradas e agregue subsídios para maiores avanços no desdobramento da temática proposta.

Orientadas pela abordagem qualitativa da pesquisa, o objeto de estudo: Atuação do Pedagogo na Educação Sexual, requer uma análise mais apurada de estudo visto que seja um tema de relevância reconhecida pelo Ministério da Educação ainda que não seja praticada como os Parâmetros sugerem, transversalmente nas demais disciplinas, por uma questão histórica, religiosa, entre outros.

Para a busca da compreensão da temática em evidência, o estudo contou com a aplicação de um questionário com 7 questões semiestruturadas. Como escolha do campo investigativo foi realizada uma entrevista com educadores e estudantes das turmas do 7º e o 8º ano, faixa etária entre 12 a 15 anos, na Escola Municipal Paulino Menelau, localizada no bairro de Candeias, Av. Comercial s/n, uma escola da rede municipal de Jaboatão dos Guararapes, situada na região metropolitana do Recife. O motivo desta escolha se deu pela escassez de recursos para veicular propostas habituais da grade de conteúdos programáticos da educação com qualidade que prejudica a inserção de temas transversais como o objeto do nosso estudo: a educação sexual. Por isso, compreendeu-se que a melhor abordagem seria refletir sobre as necessidades dos estudantes e dos pedagogos para implementar o tema na sala de aula. A pesquisa contou como participantes, 06 professoras do Ensino Fundamental.

A pesquisa dos dados neste estudo é realizada por meio da análise de conteúdo que parte de um conjunto de técnicas de observação após a aplicação do questionário, numa perspectiva analítico descritiva.

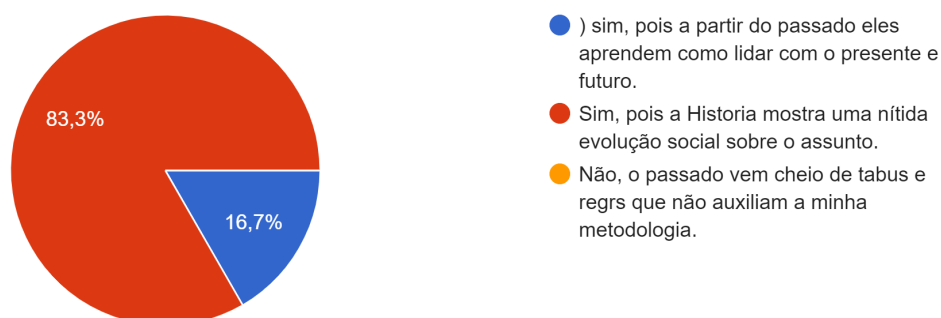
RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada com o objetivo de refletir a atuação do pedagogo na educação sexual no contexto escolar e identificar estratégias para uma abordagem eficaz através de estudos realizados por pesquisadores e estudiosos da temática. Fizeram parte dessa pesquisa, 6 professoras, todas do gênero feminino, sendo em sua maioria na faixa etária entre 30/40 anos. Algumas professoras com experiência há mais de 10 anos na área de educação.

Observou-se que dentre as entrevistadas quatro são pedagogas, uma licenciada em química e outra licenciada em letras. Possuem também especialização profissional na área de educação em: Gestão Escolar, Educação Infantil, Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Educação Especial e Inclusiva. Para preservar o anonimato do público questionado, as professoras foram chamadas de P1, P2, P3, P4, P5 e P6.

Ao serem questionadas acerca de como o resgate histórico pode trazer benefícios na construção de uma metodologia mais eficaz as professoras foram unânimes, 100% das entrevistadas afirmaram que o estudo do passado é relevante no processo evolutivo, seja como forma de aprender a lidar com o presente e futuro, seja como observação da evolução da sociedade, conforme afirma o gráfico 1.

Gráfico 1 - A história da educação sexual auxilia sua metodologia sobre o tema hoje?



Fonte: Próprias autoras (2021)

Segundo Godoy (2018, p.276):

A importância de se colocar a discussão da educação sexual em função de trabalhos na área da saúde e da educação não poderia perder a noção histórica, onde somos resultados de um percurso, um caminho, e devemos entendê-lo para sim, compreenderemos os momentos que o sucedem.

O conhecimento sobre a história da educação sexual e a prática escolar sobre o tema são de suma importância para a discussão do papel do pedagogo na abordagem da temática no ambiente escolar. Historicamente, o tema somente era discutido na área da saúde por haver-se criado a ideia de que essa discussão era estritamente preventiva, isto é, a “educação sexual” era na verdade “orientação sexual” com o objetivo de amenizar os índices de natalidade que tiveram um

aumento preocupante na década de 60.

Após diversos estudos realizados sobre os objetivos e estratégias de como exercer a educação sexual no ambiente escolar e o papel do professor nesse contexto, a metodologia perpassou várias perspectivas que aprimoraram-se com os estudos realizados por pesquisadores, mestres e doutores. Sendo assim, houve um questionamento sobre a importância do estudo da temática no ambiente escolar, para além do caráter biológico e preventivo.

RESPOSTAS

P1 - Eu creio que seja muito importante para o amadurecimento do aluno e é muito importante que a escola assuma esse papel, conscientizando os alunos e ensinando sobre esse assunto, que é considerado ainda como um tabu para a sociedade, assim as informações para os jovens ainda são pouco disseminadas.

P2 - Prevenção contra o abuso sexual

P3 - É importante o esclarecimento para que futuramente aquele(a) jovem não venha a formar família precocemente, na adolescência, deixando assim de dar continuidade aos estudos e conseqüentemente formando mais uma família com grande desestruturação financeira, etc.

P4 - Educar sexualmente crianças, adolescentes e jovens é uma tarefa complexa para os pais e um desafio para as escolas. É um assunto delicado mas de suma importância. Pois a criança precisa aprender desde cedo diferenciar carinho de um toque indevido em seu corpo ajudando a combater o abuso infantil. Já o adolescente fisicamente está sob intensas transformações estimuladas pela ação hormonal, mudanças no seu comportamento individual e coletivo. O que tem exposto os adolescentes a riscos físicos, psíquicos

os e sociais como: gravidez precoce e a transmissão de DST e do HIV.

P5 - Esclarecer as futuras gerações sobre o respectivo assunto, já que em muitas famílias infelizmente ainda existem tabus.

P6 - De bastante relevância.

Segundo Bedin, Leão e Ribeiro (2010, p.39):

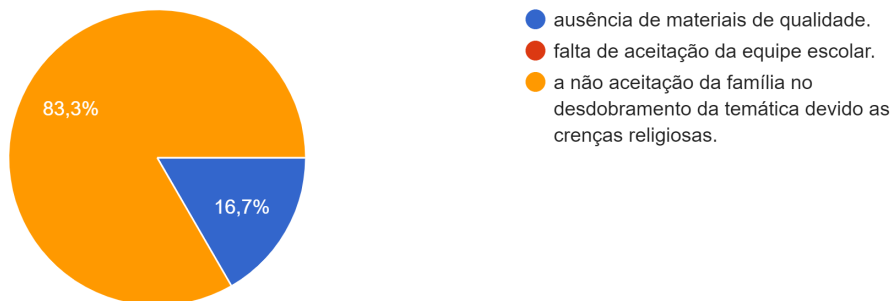
Para se trabalhar com orientação sexual na escola, temos de nos lembrar que ela deve contribuir para a formação global, crítica e criativa do aluno, assim como proporcionar condições para o questionamento de valores discriminatórios e de atitudes preconceituosas.

Dentre todos os pontos de vista coletados na pesquisa é possível notar que o tema não possui a estrutura básica necessária para ser abordado em torno do olhar educativo, pois as educadoras entrevistadas pautaram suas opiniões sobre a prevenção das violências sexuais, das IST's e evidenciando os tabus sociais. A educação sexual adentrou o ambiente escolar após o aumento nos índices de natalidade pela desorientação, sendo que a sexualidade está diretamente ligada ao desenvolvimento humano e educar vai além de orientar. O que leva à conclusão de que o caráter preventivo deveria ser uma consequência que parte do autocuidado e promoção da individualidade, isto é, da educação.

De acordo com o gráfico 2, é evidente que apesar de todos os avanços alcançados pelos estudos desenvolvidos na história do ensino da educação sexual no ambiente escolar, a crença religiosa foi apontada na pesquisa como o fator principal (83,3%) que dificulta a abordagem da temática. Essa dificuldade persiste pois não existe uma abertura para esse diálogo na maior parte

das famílias que possuem crenças religiosas específicas, instituições que não colocam a sexualidade como pauta de discussão, ou seja, não reconhecem o entrelaçamento do desenvolvimento humano com a sua sexualidade.

Gráfico 2 - Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo pedagogo para executar a temática desenvolvendo-a de maneira inovadora?



Fonte: Próprias autoras (2021)

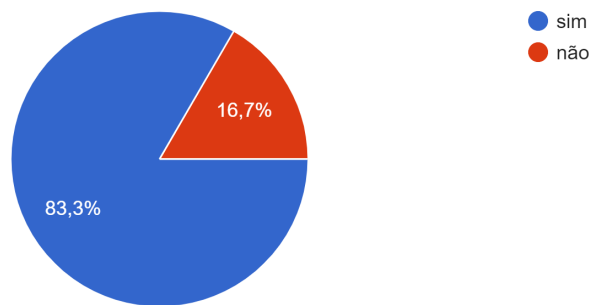
Segundo Novak (2013, p.28):

Ao trabalhar sexualidade em sala de aula, as dificuldades enfrentadas pelos professores nem sempre são as mesmas, mas na maioria dos casos, as maiores dificuldades referem-se à falta de material didático, a conversa paralela, as quais acarretam em discussões com os demais alunos. Fora da sala de aula o problema que os professores enfrentam é a não aceitação dos pais com a temática, pois acreditam que ainda não está na hora de seus filhos começarem a saber sobre sexualidade.

A falta de estrutura no ambiente educativo para tratar o tema é um dos principais desafios encontrados para realizar a educação sexual, pois essa falta provoca um desestímulo na equipe pedagógica que já enfrenta suas próprias barreiras estabelecidas pelos tabus sociais. E essa dificuldade dos educadores, que em sua maioria não possui uma formação específica voltada para a proposta, interfere na efetivação da temática. Dessa forma os estudantes acabam aprendendo e reproduzindo os mesmos tabus quando poderiam estar desenvolvendo criticidade, prevenção e autocuidado.

O pedagogo é peça fundamental no processo de educação, apesar de todo o avanço tecnológico não existe máquina que substitua com a mesma eficiência o papel desempenhado pelo professor no processo de ensino-aprendizagem. Porém, apesar dos estudos comprovarem a necessidade de educar a sexualidade por ela fazer parte da natureza do homem consoante ao seu processo evolutivo, poucos educadores se interessam em adquirir uma formação específica voltada para a educação sexual.

Gráfico 3 - O(a) senhor(a) considera importante a capacitação dos profissionais da educação para que o tema seja abordado com maior propriedade?



Fonte: Próprias Autoras (2021)

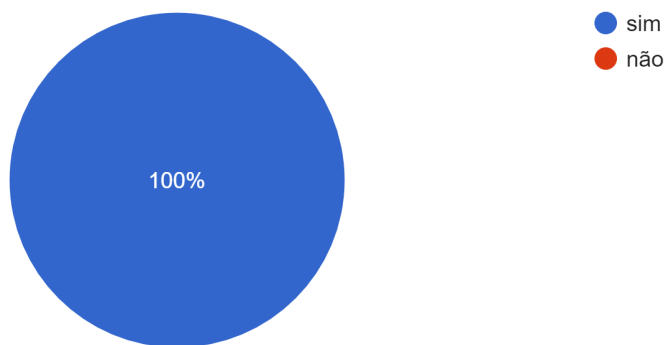
Bartasevicius e Miranda (2019, p.162) afirma que:

Se os cursos de licenciatura não têm preparado os professores para trabalharem os conceitos de Educação Sexual com seus alunos, a formação continuada e a experiência cotidiana do docente têm sido o remédio encontrado por muitos professores para suprir essa deficiência. Solução, porém, que não é suficiente, pois tal medida atinge somente os professores que se propõem a esses estudos, enquanto os demais professores optam por não falar sobre esse tema ou por falar a partir de suas experiências e valores pessoais.

A escola, assim como a casa, é um ambiente formador que deve saber lidar com os avanços sociais. É muito importante que os professores desconstruam o olhar preconceituoso pré-existente sobre o tema e se permitam conhecer a fundo os impactos da educação sexual para assim transmiti-la ao educando de maneira sadia e responsável, assim como as demais disciplinas estabelecidas na grade curricular escolar.

Os pais/responsáveis pela educação no seio familiar devem reconhecer seus próprios tabus para que assim também possam desenvolver a educação sexual no ambiente familiar e assim a escola cumpra o seu papel integrando essa formação social que impactará positivamente o futuro dos educandos. As educadoras da pesquisa demonstraram que a família é 100% fundamental nessa demanda.

Gráfico 4 - É relevante incluir a família na condução do assunto em questão?



Fonte: Próprias Autoras (2021)

Segundo Maia e Reis (2012, p. 194):

Neste sentido, a educação sexual de crianças e de jovens merece atenção interdisciplinar, pois, mesmo se pudéssemos considerar adequada a educação sexual recebida na escola, ela perderia a eficácia se não contasse com uma família que esteja preparada e disposta a refletir sobre as informações, respondendo abertamente às dúvidas, e, dialogando com os filhos sobre os valores deles próprios e da sociedade.

É essencial incluir a família nesse processo, pois a família é a primeira comunidade que todo indivíduo integra ao nascer, logo, é o primeiro ambiente formador. Nesse contexto, é importante salientar que o seio familiar deve ser preparado corretamente para lidar com a sexualidade, reconhecendo-a como integrante natural do desenvolvimento humano.

A interdisciplinaridade é a melhor alternativa para a inserção de temas que confrontam tabus sociais, como este. Integrar a família no processo de ensino-aprendizagem é uma dificuldade enfrentada pela escola que, por outro lado, luta para estreitar a participação da família nesse processo.

A sociedade sofreu grande impacto com os avanços tecnológicos nas últimas décadas. Esse avanço tecnológico torna todo tipo de informação acessível na palma da mão, bastando apenas um clique em um *smartphone*, *notebook* ou *tablet* com acesso a *internet*. As crianças são inseridas nesse mundo da tecnologia cada vez mais precocemente e com isso são expostas a muitos conteúdos que nem sempre se adequam à sua faixa etária.

A falta da educação sexual no ambiente familiar e escolar acarreta inúmeras consequências negativas na sociedade, como violências sexuais, falta de criticidade, gravidez precoce, traumas entre outros. Por isso, nesse cenário de avanços tecnológicos é importantíssima a participação dos pais e educadores para uma educação sexual eficaz e de qualidade, protegendo as crianças destes possíveis traumas e reforçando a autonomia e protagonismo dos jovens.

Neste sentido, faz-se necessário questionar sobre a importância de falar sobre o tema nas escolas a fim de quebrar tantas informações distorcidas expostas na internet, devido ao avanço tecnológico. Ao serem questionados quanto ao livre acesso das mídias tecnológicas e quanto isso interfere na temática as entrevistas pontuaram:

RESPOSTAS

P1 - *Sim, pois o papel da escola não seria apenas informar sobre essa questão, mas também conscientizar e ensinar os alunos sobre o assunto e isto não é feito apenas com uma busca de informações na internet.*

P2 - *Sim, pois a Internet passa muita informação muitas vezes distorcida.*

P3 - *Sim, pois como educadores, acho que temos um compromisso de esclarecer os educandos, pois muitas vezes eles não têm uma família estruturada para lhes auxiliar nessa questão.*

P4 - *Porque grande parte da violência sexual de crianças e adolescentes ocorrem em casa com familiares ou pessoas mais próximas à família. É de extrema importância que sejam criados mecanismos que ajudem a identificar e combater esse tipo de violência.*

P5 - *Sim, pois muitas não têm essa informação no âmbito familiar.*

P6 - *Sim. A cada minuto que se passa crianças e adolescentes são violentados em suas casas, na maioria das vezes por familiares sem a compreensão do que é o abuso sexual.*

Segundo Marques e Teixeira (2012, p.18):

A importância da avaliação crítica do impacto dos media na educação em sexualidade requer uma reflexão partilhada sobre o que as crianças e jovens veem, o que entendem e o que leem nas mensagens, estabelecendo simultaneamente relações com as diversas normas e práticas sexuais.

Os media são ferramentas que possibilitam o autodidatismo, através dos quais os jovens e crianças recorrem quando não se sentem amparados pelos educadores ou pais/responsáveis nas suas necessidades de autoconhecimento em relação às suas mudanças fisiológicas e intelectuais. E como P2 afirmou, essas ferramentas veiculam muitas informações sob o risco de distorção da realidade, o que por ventura na maioria das vezes desinforma mais do que informa.

Os demais entrevistados destacaram que o desenvolvimento do tema gira em torno de uma orientação de caráter preventivo acerca das violências sexuais à criança e adolescentes. Sendo esse, sem dúvida, um ponto importantíssimo no desenvolvimento da temática. Contudo, o presente instrumento visa destacar a sexualidade frente ao desenvolvimento das crianças, de modo que esses aspectos preventivos se desdobrem de maneira natural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a temática vem se discutindo há décadas, existem diversos entraves para sua prática. E como é proposto ao pedagogo no ambiente escolar discorrer sobre o tema, este artigo aprecia a relevância de destacar e discutir a atuação do pedagogo nesse cenário, fazendo ele mesmo parte desses entraves.

Vale destacar que a presente leitura, resultado da apreciação de diversos materiais de estudo ao longo das décadas onde observou-se a diferença entre a orientação e educação sexual, constatou que a abordagem da temática, no ambiente escolar, tem se restringido à orientação. Contudo, essa abordagem é característica dos equipamentos da Saúde, USF, e para a Educação concluiu-se que seja necessário uma roupagem específica, isto é, um olhar completamente pedagógico.

Foi possível evidenciar através da entrevista realizada uma desorientação de como deve ser a proposta da educação sexual no ambiente escolar. A falta de preparo/especialização no trato dessa educação evidencia o tratamento de orientação sexual (caráter preventivo e biológico). Além dos tabus pessoais e sociais, e a escassez da participação familiar foram pontos confirmados pelas entrevistadas necessários a serem observados para a prática eficiente do tema.

Propõe-se que o pedagogo aborde a sexualidade como integrada ao desenvolvimento humano, não como parte isolada dele. Para tanto essa abordagem deve acontecer de forma continuada, ou seja, é importante que o educador compreenda que não se separa a sexualidade do indivíduo visto que ele está em desenvolvimento constante, e requer um tratamento adequado a

cada faixa etária do estudante enquanto faz parte do contexto escolar.

Em linhas gerais, a educação sexual é necessária ao desenvolvimento do estudante e para que ocorra de modo eficiente faz-se necessário que o pedagogo se aprimore sobre o tema e suas especificidades e a família compreenda e participe dessa construção qualitativa.

REFERÊNCIAS

BARTASEVICIUS, D. M. M; MIRANDA, M. A. G.C. *Formação de Professores para a Prática de Educação Sexual nas Escolas. Sisyphus: Journal of Education*, v. 7, n. 3, p. 156-178, 2019.

BEDIN, R. C; LEÃO, A. M. C; RIBEIRO, P. R. M. *Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. Linhas*, p. 36-52, 2010.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1997. 108 p. 295 Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

GODOY, D. A. *Educação em Sexualidade no Brasil: um tour histórico e seus importantes desdobramentos para a formação do educador e do desenvolvimento da área na educação escolar. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, p. 272-288, 2018.

MAIA, A. C. B; RIBEIRO, P. R. M. *Educação sexual: princípios para ação. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

REIS, V. L.; MAIA, A.C.B. *Educação sexual na escola com a participação da família e o uso de novas tecnologias da educação: um levantamento bibliográfico. Cadernos de Educação*, p. 188-207, 2012.

MIRANDA, C.S; SANTOS, E.R.S; OLIVEIRA, G.F.O. *A Necessária ruptura para uma educação libertária*.

NOVAK, E. *Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual com adolescentes*. 2013. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013 .

SCHINDHELM, V. G. *A sexualidade na educação infantil. RevistAleph*, 2011.

TEIXEIRA, F.; MARQUE, F.M. *A educação em sexualidade e os media. Revista Elo*, v. 19, p. 15-21, 2012.

TEIXEIRA, F. *Hipersexualização, gênero e media. Interacções*, v. 11, n. 39, 2015.